

*Entrevista com*

*REN - Rede Eléctrica Nacional*

*José Penedos*

*Presidente*

*Com quality media press para LA VANGUARDIA & Expresso*

*Quality Media Press - em 2006 qual o estado actual do Mibel (Mercado Ibérico da Electricidade)?*

R. - O Mibel é um projecto de natureza politico-energetica na medida em que os dois governos, Portugal e Espanha, se envolveram na ideia de criação de mercado regional que estivesse na lógica da criação de um mercado interno da electricidade. O Mibel é uma contribuição dos governos de Portugal e Espanha na construção do mercado da electricidade regional. As dificuldades que o Mibel teve são compreensíveis porque há um passo prévio, a criação dos mercados que é a regulação coerente entre os dois mercados que se interligam. A regulação entre Portugal e Espanha não é reconhecidamente muito coerente, cada país fez a sua regulação e a assimetria regulatória é uma dificuldade na criação de um mercado integrado.

A percepção que temos, um espaço ordenado como é o espaço da União Europeia, é que o melhor mercado não prescinde de uma boa regulação. Se estamos a juntar mercados nacionais, em particular no mundo da energia onde a especificidade nacional é muito grande, seja na forma como se produz a electricidade, na composição do sistema electro-produtor, nas especificidades regionais que tem custos específicos na distribuição. Este tipo de especificidades na distribuição obriga que as regulações sejam visitadas com o interesse de por em comum dois mercados nacionais.

A coerência da regulação passa por aqui, ou se faz isso, ou levantar o mercado comum entre dois países tem estas dificuldades. As dificuldades que o Mibel teve para se levantar e para se consolidar, são dificuldades absolutamente naturais para o mercado tão complexo como o da energia.

Dizer que o Mibel não vai funcionar, julgo que é uma visão negativa. Eu tenho uma grande satisfação em verificar que o Mibel es uma realidade, que era um projecto alimentado pelos dois governos mas muito suportado pela REN e pela rede eléctrica em Espanha, estamos a trabalhar muito articulados para melhorar as inter-ligações entre Portugal e Espanha, para que

não houve dificuldades físicas nas trocas de electricidade, de modo a que não se pudesse dizer que as redes não tinham capacidade de inter-ligação.

*Q. - Qual a importância da fusão entre o OMIP (Polo português del Operador do Mercado Ibérico de Energía ) e o OMEL (Polo espanhol)?*

R. - É importante porque o mercado deve ter um operador unificado com as duas valências. Se o mercado estiver integrado, os governos terão menos tentação de fazer um papel de regulação administrativa dos preços, e entregarão a função reguladora dos preços ao mercado na sua linha maioritária. Na minha opinião, o mercado ibérico será melhor quando os preços reflectirem mais o mercado e menos a pressão administrativa dos respectivos governos.

*Q. - Falasse muito da aproximação das tarifas entre Portugal e Espanha. Acredita que isso vai acontecer?*

R. - Eu não só acredito como acho inevitável num mercado entregue unindo preços comuns aos dois mercados. Nós estamos num caminho irreversível de preços regionais comuns a região ibérica, salvaguardada a independência de cada estado. A região ibérica vai ter preços comuns em Portugal e em Espanha, num horizonte de dois a três anos.

*Q. - Qual a sua opinião sobre a energia nuclear em Portugal como fonte própria?*

R. - A minha opinião, como presidente da associação portuguesa de energia, tem sido no sentido seguinte: o conselho mundial da energia tem procurado não demonizar nenhuma forma de energia, ou seja o mundo está com desafios concretos de segurança de abastecimento, os combustíveis fósseis - gas e petróleo - tem no seu horizonte um esgotamento próximo e não faz sentido não colocarmos no lugar dos combustíveis fósseis outras formas de produção de energia, de modo a salvaguardar o seu modelo de energia.

Para continuarmos a ter electricidade vamos ter seguramente de melhorar o aproveitamento das energias renovais, vamos ter de melhorar a eficiência energética, dos consumos de energia, o que significa melhorar a habitação, o transporte e todos os usos da energia no sentido da sua maior racionalização, mas há um factor notável dos crescimento dos consumos com tendência crescente.

Portugal e a Espanha naturalmente tem o mesmo problema num horizonte dos próximos 30 anos, não pode ter a satisfação dos seus consumos exclusivamente baseada nas fontes de

energia a que está habituada, vão ter que incluir o carvão e vai ter também o nuclear. O nuclear que vai entrar neste horizonte não é o nuclear com produto radioactivo. Penso que neste sentido não podemos deixar de fora a opção nuclear.

*Q. - O que vai oferecer esta nova REN aos seus novos accionistas?*

R. - É um produto de bolsa absolutamente fiável, basta observar a evolução do dividendo da REN para perceber que a gestão da REN conseguiu multiplicar por 5 o dividendo desde 2001. Eu não posso garantir que consiga a mesma performance nos próximos anos, mas quero garantir que qualquer aforrador ou cidadão tem numa empresa como a REN uma garantia de retorno do seu capital de investimento, tem uma segurança que é superior há maioria das empresas que estão cotas em bolsa. É uma actividade com um rendimento previsível, com uma grande estabilidade e regulação favorece a colocação de activos desta natureza nos mercados. Eu julgo que a REN que é uma empresa pequena, mais vai oferecer ao mercado uma enorme oportunidade sobretudo para a poupança doméstica.

*Q. - Que opinião tem sobre a possível recuperação da economia portuguesa, é uma realidade?*

R. - A estatística dos consumos de electricidade não ratifica a ideia de crise, significa que com o crescimento dos consumos de electricidade entre 3% e 4% a economia não se pode dizer que esteja parada. A economia está a retomar.